

Cristiana Bastos¹

WORKING PAPER

Das Termas aos “Spas” : reconfigurações de uma prática terapêutica. ²

Seminário *Das Termas aos Spas*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 28 Julho 2006

Este projecto deu seguimento a um estudo sobre termalismo por nós iniciado em 2001. Nesse trabalho procedemos à observação comparativa de algumas estâncias termais em Portugal e no Brasil e delineámos uma caracterização do termalismo que atendeu a aspectos sociais, históricos, culturais, médicos, geológicos, económicos, turísticos e culturais. Concebido o projecto no âmbito da antropologia, demos prioridade ao trabalho de campo e observação participante, mas usámos todo um leque de métodos complementares: investigação de arquivo, estudo de fontes secundárias, entrevistas formais a coordenadores e actores sociais envolvidos, levantamento patrimonial. Foi também no âmbito da antropologia que problematizámos os dados de observação mas, uma vez mais, dialogámos com disciplinas vizinhas. Mostrando que o termalismo combina as actividades aparentemente contraditórias de lazer e de tratamento, como fica patente na tese de mestrado de um membro da equipa (“Entre Curar e Folgar”, de M. Manuel Quintela, com trabalho de campo nas Termas de São Pedro do Sul), procurámos explorar as diversas combinatórias da tensão entre as duas vertentes da actividade

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

² Este projecto foi desenvolvido no Centro de Estudos de Antropologia Social (ISCTE) e no Instituto de Ciências Sociais (Un. Lisboa) com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCTI/ANT/47274/2002). O projecto foi coordenado por Cristiana Bastos e integrou na equipa de investigação Maria Manuel Quintela e Antonio Perestrelo de Matos. Contou ainda com o apoio de produção visual de Leonor Areal e coma consultoria de Jean Yves Durand (U Minho e Aix en Provence), Georges Weisz (McGill) e Matthew Eddy (Durham).

termal no tempo e no espaço – o que, a ser completado, nos permitiria ter uma abordagem completa da história e variação territorial do termalismo português.

A escassa literatura académica existente sobre o termalismo europeu aponta para conclusões semelhantes às nossas e ajuda a aprofundar a reflexão. Numa história social do termalismo francês, o norte-americano Douglas Peter Mackaman mostra como a expansão deste sector se deveu à afirmação de novos valores de consumo e bem-estar por parte de uma classe emergente. Foi o dinheiro, o consumo, o gosto, o requinte e os cuidados obre si das novas camadas burguesas, em competição pelo espaço de prestígio social das antigas camadas aristocráticas, que alimentou o *boom* do termalismo francês de oitocentos, que chegou a movimentar várias dezenas de milhar de aquisitas/ano.

Comparando a história do termalismo nos séculos XIX e XX em Inglaterra e França, o historiador canadiano George Weisz mostra que, após um crescimento devido a um consumo associado à aquisição de elementos de distinção e diferenciação social, foi o processo de medicalização que garantiu a persistência do termalismo em França – onde as curas por águas eram reconhecidas, apoiadas e comparticipadas. Este processo terá contrapartida na Alemanha, e, tanto quanto sabemos por narrativas episódicas mas infelizmente sem acesso a obras mais consistentes, também nos países da antiga esfera soviética, alguns dos quais, como a Hungria, são indissociáveis dos seus tradicionais “spas”. Já em Inglaterra, apesar do pioneirismo dos banhos de Bath e Bristol no século XVIII, que inauguraram todo um ciclo de atitudes colectivas relativamente ao poder curativo das águas e das estadias balneares, algo de diferente se passou. O factor mais saliente é a ausência de um vínculo legitimador por parte do establishment médico relativamente às estadias balneares; tão pouco, e pelas mesmas razões, se consolidou uma “economia de saúde” com categorias elegíveis para a comparticipação do estado nas estadias termais, ou um ideologia de legitimação dos spas tradicionais como espaço

de cura. Estes elos, que se fortaleceram em França, declinaram em Inglaterra, ou nunca chegaram a existir; e assim, sugere Weisz, se explica o declínio do termalismo em Inglaterra.

O desenvolvimento do termalismo em Portugal foi claramente influenciado pelas tendências então vigentes em França, país que, na segunda metade do século XIX, não só ditava as modas e maneirismos mas era também a referência para os compêndios e pesquisa médica. As edificações, equipamento, utilizações, prescrições e ambientes criados nas grandes termas portuguesas desenvolvidas em finais de XIX ou já no século XX em muito deveram ao modelo francês. Chegou a estabelecer-se uma lista de correspondências, que associavam o Luso a Evian, o Gerês a Carlsbad, O Vidago a Vichy, as Caldas da Rainha a Greoux e os Cucos a Royat. Médicos virados para a hidrologia e directores clínicos de termas portuguesas de renome faziam visitas e mantinham contactos com colegas franceses e espanhóis, trocavam experiências, adoptavam modelos de administração terapêutica.

Os argumentos que Mackaman e Weisz desenvolvem para França têm a uma contrapartida homóloga, embora atenuada, entre nós. Tal como em França, mas mais tarde que aí e em muito menor escala, foi a classe emergente de oitocentos, de barões, viscondes, burgueses abastados e proprietários, que forneceu uma grande parte da clientela para determinadas estâncias, e foi esta classe que animou os seus Grandes Hotéis, os seus Palace, os seus casinos; mas, como nos indica a pesquisa, nem só do luxo viviam as termas, e tão pouco do lazer que este fazia brilhar pelo topo. O pretexto para uma estadia termal era o cuidado com a saúde e o corpo, por vezes também a mente, o descanso curativo, o eventual tratamento. Tratamento, e, com ele, também algum sofrimento: banhos quentes, banhos de jacto, banhos frios, duche escocês, banhos de lama, águas sulfúreas, águas férreas, fedor constante, separação do quotidiano, calor,

mais calor, frio, espera, copos de água, clisteres, duches vaginais, irrigações nasais, gargarejos. Se muitos se divertiam, jogavam, desfilavam modas e provavam da boa mesa, outros tantos, e os mesmos, sofriam nas câmaras de tratamento, nas banheiras, nos bancos e marquesas onde lhes eram administradas as pequenas torturas. E, se todos, ou quase todos, se sujeitavam aos tratamentos, procurando-os, nem todos tinham a expressa contrapartida do lazer no luxo; alguns acediam-lhe em formas menos requintadas, como até hoje acontece nos concertos populares de Verão que levam Ágata a São Pedro do Sul e outros músicos de massas a outras estâncias; outros simplesmente reduziam-no ao descanso por imobilidade contemplativa e torpor cultivado.

Ou seja, entretecido com o lazer, por vezes coincidindo com ele – como nas culturas romanas e suas termas, nas culturas ameríndias e seus rios, no mundo árabe e seus hammans – temos o banho. E, quiçá mais antigo ainda, temos o banho que cura e alivia. Onde hoje se erguem termas, ontem existiram charcos, poças, nascentes e fontes, a que as populações acorriam por ter notícia de cura ou de alívio para as dores, para certos males, para certos desconfortos. Assim aconteceu nas Caldas da Rainha, em que a Rainha D. Leonor, tocada de compaixão para com os pobres que ali acorriam, mandou erguer o balneário e melhor administrar as águas (o compromisso de 1512).

A população sabia, transmitia, passava, difundia e experimentava o poder curativo das águas, ou pelo menos o seu poder de transformar as circunstâncias, transformar os sentidos e sensações, transformando, se nada mais, o sofrimento em descanso. Os pobres e camponeses medievais ali procuravam alívio para artrites, reumatismos, dores em geral; naquelas águas sulfúreas, de odor inconfundível e aos sentidos repugnante, mergulhavam joelhos, ancas, ombros e colunas chacinados pelos trabalhos agrícolas, pela erosão do tempo e pelas más condições da habitação.

Tal como ontem, ainda hoje existem pelo país os tais charcos e nascentes, por vezes transformados em tanques e fontes, outras vezes captados em baldes, banheiras portáteis, garrafas plásticas, garrafões, dando corpo a um fenómeno imenso que é o que chamamos de termalismo popular. Esse termalismo popular persiste e resiste; se o nosso país acompanhou as tendências francesas de oitocentos em erguer palácios termais para acolher as novas classes opulentas, não deixou de disponibilizar a camadas mais vastas o acesso às águas termais. Tão pouco deixou de lhes proporcionar o acesso aos banhos que frequentavam quando estes se transformaram em balneários pagos, com supervisão de administradores e médicos; em todas as estâncias cujos registos consultámos existiam banhos para indigentes e pobres, cujos nomes eram discretamente assinalados nos róis anuais de aquistas. Note-se que o acolhimento de indigentes está previsto na lei e, tanto quanto conseguimos apurar, este ponto não foi revogado. Princípios em prol do acolhimento de indigentes eram igualmente enunciados pelos termalistas franceses, que invocavam motivos humanitários para a sua inclusão, mas não impediam que mecanismos paralelos de exclusão se desenvolvessem, ajudando à sua segregação. Todo um conjunto de maneirismos justificavam ideologicamente a segregação, tendo como contrapartida, em certas instâncias o medo da contaminação. Este exacerbava-se em circunstância de proximidade com certas afecções de pele, nomeadamente quando era providenciado tratamento a leprosos.

Regressando às relações entre termalismo popular e instituído, podemos dizer que foi em cima do conhecimento e uso popular de certas águas que se foram construindo edifícios, criando serviços, amenizando espaços, domesticando paisagens, e desenvolvendo um saber especializado que tomou corpo no termalismo clínico e teve contrapartida científica na hidrologia médica. E com eles se consolidaram regimes de prescrição e rituais de cura, incluindo os saberes sobre o número ideal de banhos, a

temperatura requerida, o repouso, o número de copos de água, o número de dias a prosseguir nas termas. O trânsito entre o vernáculo e o erudito era fluído e os empréstimos eram de parte a parte.

Há que notar, porém, que se o termalismo “erudito” e, como proponho chamar, “edificado”, com instalações e saberes apropriados e uma economia concomitante, se consolidou em cima de saberes e práticas populares, não podemos dizer que o substituiu; como apontámos, estes persistem e resistem, continuam, paralelos, em combinação ou concorrência com o regime erudito e oficial.

O estudo das relações entre uns e outros revela-nos múltiplas facetas da sociedade portuguesa – a política, a economia, os regimes legais, a lógica do acesso aos bens públicos. Disso tratou António Perestrelo no artigo sobre os quatro regimes legais que regulamentaram o uso da água. Se as tentativas de legislar sobre o acesso às águas são ocasionalmente de restrição, são-no, na sua maioria, no sentido de ampliar e melhorar o acesso às mesmas. Ou seja, em linhas gerais, as narrativas históricas retratam situações em que aqueles que podiam criavam as condições para que outros mais acessem a águas cujas propriedades eram reputadas de milagrosas e santas, mantendo-se ao longo do século XIX e em parte do XX o cuidado para assegurar o acesso de todos aos reputados poderes curativos de certas águas.

Chegados ao século XXI, que podemos afirmar das tendências actuais e do passado recente? Acreditamos que, mais uma vez, o termalismo em Portugal de certo modo reflecte os efeitos analisados por George Weisz para a França; quando o *glamour* deixou os balneários e outras modas, nomeadamente a do litoral e da praia, substituíram junto das classes com maior poder aquisitivo a procura de lazer nas termas, foi a medicalização destas que lhes garantiu continuidade. Passado o fervor festivo

ritualizado nos Palace e Casinos, manteve-se a modorra morna do balneário, mantiveram-se as prescrições, a busca do alívio e a procura de uma interrupção num quotidiano em que a dor, se não predominava, sobressaía em dose suficiente para desencadear uma ida às termas. Nesse sentido, podemos dizer que a medicalização, que hoje parece criar limites e constrangimentos, foi uma peça fundamental para que as termas subsistissem e chegassem ao ponto de se repensarem enquanto novas indústrias de lazer e bem-estar.

Como pudemos verificar no levantamento completa das termas portuguesas a que procedemos ao longo do projecto, as termas não só persistiram, mas reinventaram-se. Se algumas fecharam, por vicissitudes várias – poluição das águas, contaminação das canalizações, dificuldade de reconversão para novos padrões sanitários--, outras mantiveram-se e recuperaram clientela, algumas delas mantendo-se no patamar dos vinte mil aquistas ano. Mais ainda, várias estâncias abriram-se a uma diversificação de serviços de saúde que se entrosam com indústria do lazer e ficam bem representadas na categoria intermédia do bem-estar. Renovados os balneários, atraídas novas clientelas, diversificados os serviços, é agora oferecida ao aquista e seus acompanhantes toda uma panóplia de possibilidades. Algumas das categorias mantêm-se, renovadas: a banheira de imersão reconverteu-se em hidromassagem, banho de pérola, etc. A inalação sofisticou-se e o gargarejo desdobrou-se em alguns tantos itens. Clisteres e duches vaginais mantêm-se discretos nalgumas termas apenas; mais visíveis são o duche escocês e o de jacto. Em contrapartida, universalizou-se o duche de Vichy, ou a sua variante de Aix, em que o aquista é massajado enquanto jactos de água termal em temperaturas tépidas e caudais suaves jorram sobre o seu corpo; difundiu-se a pequena piscina com hidroginástica, e o ginásio anexo; oferecem-se, nalguns pontos, as categorias mais exóticas de massagem ayurvedica, californiana, e de pedras quentes.

Multiplicaram-se os aparelhos de aplicação de calores húmidos, com estufas seleccionando pontos de aplicação e o bertolet para envolvimento completo. Criaram-se, nalgumas estâncias câmaras de vapor sulfúreo, combinando os efeitos de sauna, banho turco, nebulização para fins naso-faríngeos , e estufa para fins osteo-articulares.

Nestas estâncias reconfiguradas, também a oferta de actividades de puro lazer se diversificou – da culinária tradicional à *nouvelle cuisine*, dos clubes infantis e juvenis à promoção de turismo rural, montanhismo e caça.

Se nos ativésemos a esta tendência, diríamos que as termas em Portugal parecem reconfigurar-se sob a forma de spas, aumentando a componente de bem-estar e diminuindo a componente de tratamento clássico. Mas não tomemos pelo todo a sua parte, que nos leva para longe da realidade que observámos ao longo do projecto. Tal como o termalismo institucionalizado não eliminou o termalismo popular que lhe esteve na base, e que por si persistiu e resistiu, também a actual indústria do bem-estar e dos spas, que se desenvolve no espaço onde existiam as termas, as vem substituir por completo e assim eliminar. Do que pudemos observar, a componente de tratamento convencional persiste e resiste nas termas portuguesas, adapta-se e combina-se com as novas ofertas que, diversificando e ampliando a clientela, lhe asseguram a continuidade e renovam a vitalidade.

Referências citadas:

- Mackaman, Douglas Peter. 1998. *Leisure Settings: Bourgeois Culture, Medicine, and the Spa in Modern France*. Chicago: University of Chicago Press
- Perestrelo de Matos, António. 2004. Pobres, indigentes, aquistas e turistas – em 4 regimes sobre 4 leis. Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso Afro Brasileiro. Fac Economia, Univ Coimbra.
- Quintela, Maria Manuel. 1999. *Entre Curar e Folgar: etnografia das termas de S Pedro do Sul*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- Weisz, Georges. 2001. Spas, Mineral Waters and Hydrological Science in Twentieth-Century France *Isis* 92 (3): 451-483.

